



Um olhar para o CORREDOR CULTURAL DO RIO

Eduardo Cruz*



Desde o evento internacional ocorrido em nossa cidade, comemorativo aos 100 anos de nossa Independência de Portugal, o Clube Naval dispõe de uma situação geográfica e visual privilegiada em relação aos monumentos e pavilhões construídos naquela época. A especulação

imobiliária e o *boom* de construção civil ocorrido em toda a ocupação urbana no centro viria a dificultar bastante a vista de nosso belvedere.

Os quatro pontos cardeais vistos do Gazebo (este caramanchão reconstruído em seus mínimos detalhes durante o ano do Centenário da Sede Social, em 2010)

são muito apreciados pelos visitantes do “Espaço Pêrgola”. De lá podem ser vistos: ao Sul, o mar da entrada da Baía de Guanabara, o Aterro do Flamengo, com o majestoso Pão de Açúcar e também o Monumento Memorial aos Pracinhas da Segunda Guerra Mundial; ao Norte, o mar interior da Baía de Guanabara, com visão parcial da Ponte Rio-Niterói e da Serra de Piratininga, incluindo o imponente ‘Dedo de Deus’; a Leste, ou Nascente, a visão do mar e montanhas de Niterói; e a Oeste, ou Poente, o magnífico pôr do sol sobre o maciço da Tijuca. Fica apenas faltando mencionar a derradeira vista para o que sobrou do Morro de Santo Antônio, do Largo da Carioca e da extensão da Avenida Almirante Barroso, uma avenida de arquitetura moderníssima que aliás, após sua abertura, foi batizada como Avenida Chile, em reconhecimento à primeira nação amiga a reconhecer nossa independência política de Portugal.

E nas comemorações dos 110 anos de sua Sede Social, o Clube Naval atinge um novo patamar de acesso ao sétimo andar. Vamos dar as boas-vindas – em alto estilo a partir de agora – em elevadores panorâmicos. Imaginem o impacto ao sair dos novos elevadores no sétimo andar e reencontrar uma edição ampliada e diversificada do ‘Clube do Whisky’, e por que não do Clube da Cerveja e da Caipirinha? Drinques para todos os gostos. Mas que todos bebam com moderação. A visão privilegiada da Pêrgola nos conduz a uma nova Avenida Rio Branco.

O Corredor Cultural supervalorizado

Vista lá embaixo, uma via que representara no início do século passado uma radical transformação urbana se metamorfoseia novamente. Uma pseudo-avenida de Paris 1900, chamada Avenida Central, que teve pela primeira vez postes de iluminação elétrica (e, que claro, se inspirara em Paris, a Eterna Cidade-Luz). Nela foram construídos diversos prédios que em tudo se relacionavam com a capital francesa. *L’Ópera de Paris Garnier* influenciaria o nosso Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que fora projetado pelo arquiteto Francisco Pereira Passos, filho do prefeito Pereira Passos, e que logrou ser escolhido em concurso público sob codinome Aquila, mas que em realidade resultara em um empate técnico com outro arquiteto francês de nome Albert Guilbert. Coube a este último elaborar a sua parte externa, enquanto caberia ao primeiro dar andamento



à sua parte interna.

Em tempo. Da mesma forma que se determina no projeto de construção de um *shopping center* as lojas que serão usadas como âncoras do empreendimento, o projeto de abertura de uma nova avenida no centro do Rio, partiu do próprio prefeito Pereira Passos durante a gestão de outro paulista, o presidente Rodrigues Alves. Estes decidiram prévia e geograficamente a sua localização. Edificações ligadas ao comércio exterior/importador (do magnata Eduardo Palassim Guinle) ficariam junto ao novo cais recém-construído.

Galeria dos Comerciantes, Jornal *O Paiz* (e mais tarde, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio* etc), hotéis de luxo, restaurantes, agências bancárias, lojas de vestuário e escritórios de empresas comerciais se localizariam em sua seção intermediária.

**O Clube Naval,
recém construído, na
Av. Rio Branco**



Parte da Cinelândia e Av. Rio Branco em 1937



E, finalmente, no Corredor Cultural ficaria a Escola Nacional de Belas Artes (atual Museu Nacional de Belas Artes); o próprio Theatro Municipal do Rio de Janeiro; a Biblioteca Nacional e o prédio da Justiça Federal. Além dessas 4 âncoras importantes, outros 4 principais clubes sociais e tradicionais da época se instalariam por lá: Derby Club, Jockey Club, Clube Militar e o nosso tradicional Clube Naval.

Mas necessariamente, e por decreto, o poder público teria que demolir tudo o que havia de construção antiga pelo caminho. Era o tempo do famoso, polêmico e conturbado “bota-abaixo”!

Mais de cem anos já se passaram e a “manhattanização” do Centro do Rio – termo usado pelos arquitetos nacionais – se aplica perfeitamente ao processo de modernização atual.

Ela, a antiga Avenida Central, hoje Rio Branco, atualmente se mostra transformada em uma magnífica avenida bem ao estilo nova-iorquino. Ou até mesmo numa *Magnificent Mile-Drive*, de Chicago. O lado ímpar da via reconstruída homenageia com o seu nome o primeiro prédio RB-1. Vários outros edifícios, cujas cotas ultrapassaram a medida humanizada anterior, chegam agora a ter uma altura que rompe com os limites toleráveis de concentração urbana. Mas são, no entanto, chamadas de “inteligentes”. O termo é usado para identificar, em nossa época, as edificações mais recentes, ou aquelas que poupam energia, fazendo uso de materiais renováveis e sustentáveis em seu processo construtivo, sendo o edifício *Manhattan Tower 89* um expressivo exemplo. Por outro lado, o novo edifício do Clube de Engenharia foi reconstruído numa fase em que era comum destruir o estilo arquitetônico eclético do início do século XX, para então ampliar radicalmente sua cota vertical. E muitas vezes acabavam por escolher um estilo arquitetônico de gosto às vezes questionável.

Lamentavelmente os vizinhos do outro lado da avenida – Jockey Club e o Derby Club – não foram preservados. Preferiram a venda do terreno e a consequente mudança para novo endereço próximo ao Fórum. Mas, o exemplo edificante mais importante de nossa História se daria por decisão do Conselho Deliberativo do Clube Naval de que deveria ser preservada e mantida a sua Sede Social, por representar um símbolo de tradição e resiliência. Daí o Tombamento junto ao INEPAC – Instituto Estadual de Preservação Cultural. Decisão esta que conservará para sempre o Corredor Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, espelhando-se no belo exemplo do Museu Nacional de Belas Artes, antiga

**Museu
Nacional de
Belas Artes**



**Theatro
Municipal**



**Biblioteca
Nacional**



**Justiça
Federal**

Escola Nacional de Belas Artes (de 1908); no Theatro Municipal (de 1909); na Biblioteca Nacional (de 1910) e no Centro Cultural da Justiça Federal, ou antigo Palácio Arquiepiscopal (de 1910). Sem esquecer de mencionar também o Palácio Pedro Ernesto, onde funciona desde 1923 a Câmara Municipal dos Vereadores, um projeto do engenheiro e arquiteto Heitor de Mello. Foi este último quem, aliás, ajudou a construir o prédio do Clube Naval até a sua inauguração em 1910. O prédio, que inicialmente teve apenas 4 andares, foi construído durante 4 anos: suas fundações começaram em 1907, e sua construção durou mais três anos, sendo finalmente inaugurado na Data Magna da Marinha do Brasil, dia 11 de Junho de 1910.

Uma maravilha de legado

Em cada construção centenária preservada ao longo da avenida reside um legado às gerações futuras. E realmente impressiona o interesse de estudantes de artes, arquitetura e história pelo acervo do Clube Naval. Nos registros de nossos livros de visitantes podemos constatar que a admiração é unânime. Claro, não é qualquer Clube que possui na figura de seu Presidente de Honra um ex-Imperador do Brasil.

A Avenida Rio Branco transformada em parque

É muito prazerosa a visualização e o ruído de alerta dos novos VLT em trânsito. Eles, nesse aspecto, fazem lembrar os antigos bondes que por aqui circulavam. VLT, ou Veículo Leve de Transporte, é em realidade o novo bonde do século XXI. Em versão com ar-condicionado, sem trocador e sem estribos. Ele opera interligado a quatro sistemas intermodais de transporte: ao rodoviário, ao seu próprio de superfície, ao metrô e ao aeroviário. Uma maravilha de legado!

O histórico obelisco a Bernardo O'Higgins Riquelme, libertador do Chile (em 1818), localiza-se junto ao Fórum, e mantém a sua importância até hoje. E este monumento rivaliza com outro construído em plena Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) erigido como Marco Comemorativo de sua abertura (e inauguração) no início do Século XX.

E, em vista do Estado brasileiro haver se tornado laico desde então, o Distrito Federal (ou a antiga Capital Federal) determinou a destruição total do Convento d'Ajuda, cedendo essa enorme área urbana para a construção do Hotel Serrador e da própria Cinelândia.

Esta última, como uma estilosa região que fora pensada como local para exibição de filmes modernos desde aquela pioneira exibição d'O Cinematographo,

dos Irmãos Lumière (1895) que atraía uma multidão de curiosos. E a seguir, o sucesso retumbante dos primeiros filmes de Hollywood justificaria o investimento para a construção de diversos cinemas: Odeon, Palácio, Pathé, Capitólio, Vitória, Metro, dentre outros.

Os filmes franceses, porém, continuariam a ser mostrados nos Cines Iris e Ideal, cujos prédios ainda podem ser vistos nos sobrados da rua da Carioca.



Os VLT trafegando pela Avenida Rio Branco, tendo ao fundo o Clube Naval; ao lado, o Obelisco



Ainda como consequência laica ocorreria a redesignação de diversos outros edifícios religiosos, como o Palácio Arquiepiscopal, que se tornaria sede do Poder Judiciário Federal durante a fase da Cidade do Rio de Janeiro como sede do Distrito Federal. Exceção apenas ao Convento de Santo Antônio (localizado no morro de mesmo nome) da Ordem dos Franciscanos, que até hoje mantém suas duas igrejas em ótimas condições. Vale muito a pena conferir essas joias da arte religiosa (barroca e rococó) nas proximidades do Clube Naval. ■

*Guia de visitas da Sede Social.